

A história militar de Belém por meio dos prédios militares históricos: da Colônia à República Velha

Roberto de Castro ^a

Resumo: O artigo integra a arquitetura e a história do Brasil, com ênfase no campo militar, tendo como palco principal a cidade de Belém pela gama de construções que conectam o período colonial à República Velha. O trabalho tem sua relevância para como proposta de roteiro educacional para apresentar os prédios históricos em Belém. A pesquisa histórica foi realizada pela análise qualitativa de fontes históricas de cunho documental encontradas em espaços de memória (museus, prédios históricos, blogs), arquivos históricos, fontes primárias e secundárias (bibliográficas e digitais). Essa metodologia é voltada para a pesquisa histórica por meio da pesquisa qualitativa, a fim de exaltar a tradição e história militar da Amazônia Oriental. A jornada inicia pelo Forte do Presépio, o Hospital Real (Casa das Onze Janelas) e o Arsenal (4º Distrito Naval), que remontam ao período Colonial, seguindo para o Monumento General Gurjão, obra do período Imperial, e, por fim, segue o Palacete Guilherme Paiva, residência oficial do Comandante Militar do Norte e Quartel General de Belém, ambos construídos na República Velha durante o período áureo da borracha.

Palavras-chave: História do Brasil. Arquitetura. Prédios históricos.

INTRODUÇÃO

A história pode ser transmitida de várias formas, por meios materiais e imateriais, onde prédios históricos permitem conhecer a

história por meio da arquitetura. O processo de apresentação desses prédios está intimamente ligado com o turismo militar, neste caso da cidade de Belém transitando do período colonial à República Ve-

^a Major de Artilharia, mestre em desenvolvimento rural. Associado correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



lha.

Desta forma, constata-se, que os museus militares e outros recursos patrimoniais, eventos e ações de animação associados à temática de locais históricos, têm determinado que o turismo é um dos meios que a sociedade em geral possui para redescobrir conflitos militares resolvidos, relacionando com a história, o que permite reviver o passado¹.

Este trabalho tem sua importância para a divulgação dos locais históricos, das potencialidades turísticas e de ensino da história militar, além de sensibilizar a sociedade civil da importância da preservação da memória e dos locais históricos.

Tal preocupação é tema recorrente na centenária capital da Amazônia, para Flávio Lassar, a preocupação com o estado de desuso e abandono do patrimônio histórico em Belém é fruto de uma cidade decadente, que perdeu seu papel de protagonismo regional e nacional, como teve no período colonial, imperial até o início da primeira República com a riqueza

da borracha². Reforça assim, a necessidade de esforços públicos e privados para a preservação e divulgação desse patrimônio material cultural.

A seguir, serão apresentados locais históricos da cidade de Belém, primeiramente o Forte do Presépio e o Hospital Real (Casa das Onze Janelas), do período Colonial; seguindo para o Monumento General Gurjão obra do período Imperial; o Palacete Guilherme Paiva, residência oficial do Comandante Militar do Norte e o Quartel-General de Belém, ambos construídos na República Velha, encerrando uma proposta de roteiro turístico com importância para a história militar da Amazônia Oriental.

A apresentação dos locais históricos foi proposta para manter uma sequência cronológica, iniciada no período colonial e encerrando mais próximo da atualidade, já no período do início da república.

Os prédios militares históricos fazem parte do conjunto urbano tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



(IPHAN) que compreende os bairros da Cidade Velha e Campina, na cidade de Belém-PA. O tombamento teve início em 1982, sob o número do processo 1.071, e foi concluído em agosto de 2012.

O FORTE DO PRESÉPIO (1616)

O Forte do Presépio, denominação atualmente, foi conhecido já foi conhecido por diversos nomes, tais como: Forte do Castelo do Senhor Santo Cristo, Forte do Presépio de Belém, Forte do Senhor Santo Cristo e Forte do Castelo.

A Fortaleza está situada na confluência do Rio Guamá com a Baía de Guajará. A região coincide com a entrada do porto e do canal que circunda a Ilha das Onças, na cidade de Belém do Pará.

Com a fundação de uma feitoria pelos franceses Charles de Vaux e Jacques Riffaut, em 1594,

Fig. 1 – Planta Geral da Cidade de Belém Do Pará. É um original manuscrito de meados do Século XVII (por volta de 1640), Arquivo Real de Haia, Países Baixos.



Fonte: FERREIRA, 2006.

na Ilha de São Luís, o Rei de Portugal e Espanha, Filipe II, ordenou aos portugueses a expansão militar nas matas do Maranhão (como era conhecida a região amazônica na época), ao longo do Rio Amazonas, culminando na fundação da cidade de Belém em 1616³.

No dia 12 de janeiro de 1616, o capitão-mor Francisco Caldeira Castelo Branco juntamente com uma expedição de 200 homens, a bordo de três embarcações sob sua liderança, partiram de São Luís-MA no dia 25 de dezembro de



1615, e desembarcaram em terras Tupinambás, onde ergueram uma fortificação denominada Forte do Presépio, a qual foi batizada de “Feliz Luzitânia”⁴.

Ajudados pelos Tupinambás, levantaram uma dupla linha de paliçada, repleta de areia, formando um parapeito ao lado do mar, onde montaram dez peças de artilharia das que trouxeram da frota. Essa descrição acha-se em frei Agostinho de Santa Maria Jaboação, Manuel Aires do Casal, Constâncio Abreu Lima, James Anderson, David Warden, Manoel Barata, entre outros. Mais tarde, em 1617, os Tupinambás, liderados por um índio chamado pelos portugueses de “Cabelo de Velha”, reuniram-se para lutar contra os portugueses.

A localidade alta, de quatro a cinco braças acima do nível comum das terras, adaptava-se aos dispositivos de defesa militar. O dispositivo do

Forte do Presépio tinha duas faces escarpadas para o rio. Esse era ligado ao continente apenas por uma estreita faixa de terra; o isolamento facilitava sua defesa. O forte erguido era de paliçada, em quadrilátero, feito de taipa de pilão na margem do rio. Cestões guarneciam a da terra. Peças de artilharia apontavam para as posições de possíveis inimigos⁵.

Portugal e Espanha realizaram assentamentos à foz do Rio Amazonas e se preparavam para comba-

Fig. 2 – Planta da Cidade de Belém, fortificada pelo método mais simples.



Fonte: Sgt Mor Eng Gaspar João Geraldo de Gronfeld, s/d (AHEx).



ter ingleses e holandeses, então senhores do vantajoso comércio na calha do Rio Amazonas. Historicamente, o Forte do Presépio foi o local de partida de forças civis,

materiais precários, predominantemente, de taipa e taipa de pilão. Entre o rio e o igarapé, cercada por grandes regiões de florestas e recursos hídricos, a cidade Belém era

Fig. 3 – Vista Aérea do Forte do Presépio, Belém, Pará.



Fonte: Prefeitura Municipal de Belém, 2018.

militares e eclesiásticas, que se lançaram na construção da Amazônia do século XVII.

As primeiras ruas e saídas foram construídas no século XVII, legando o Forte, a Igreja de Nossa Senhora da Graça ao vilarejo. Naquele período, observaram-se as primeiras edificações, feitas com

um núcleo colonial de pouca expressão.

O Forte sofreu reformas em 1759 e em 1773. A partir de 1759, uma parte de suas instalações foi adaptada para a construção do hospital. Em seguida, o então Governador Fernando da Costa de Ataíde Teive o transformou em



Hospital Militar, local que é conhecido atualmente como a “Casa das Onze Janelas”.

Reformado e rearmado a partir de 1850, durante o governo de Jerônimo Francisco Coelho, Presidente da Província do Grão Pará, o Forte do Presépio recebeu limpeza geral interna. Posteriormente, ganhou novos aposentos para tropa, a Casa do Comandante, a ponte sobre o fosso, um portão e muralha de cantaria na face defronte ao Rio Guamá.

Em 1907, o Governo Federal autorizou a companhia *Port of Pará* a instalar-se no Forte, e a promover as mudanças que lhe fossem convenientes, desde que se compromettesse a devolvê-lo com as muralhas reconstruídas e realizasse reformas na Fortaleza. Em 1920, passou a ser administrado pelo Exército Brasileiro⁶.

As dependências do forte foram utilizadas para diversas finalidades, tais como depósito de armamentos e munições. Durante a Segunda Guerra Mundial, serviu de quartel para uma Bateria de Artilharia. Na década de 1950, as suas

dependências eram usadas para a execução de diversos serviços da 8ª Região Militar⁷.

O Forte do Presépio foi tombado em 1962, pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Na década de 1980, seu estágio de deterioração era avançado, havendo necessidade de garantir a integridade do conjunto arquitetônico através de obras emergenciais. Então, a partir de 1983, o Exército Brasileiro, com recursos da Fundação Pró-Memória, o IPHAN, realizou obras de conservação e restauração.

HOSPITAL REAL MILITAR - PALACETE DAS ONZE JANELAS

O Palacete das Onze Janelas foi construído em meados do século XVII como residência para o senhor do engenho de açúcar, Domingos da Costa Bacelar, e funcionava como sua propriedade de final de semana, já que nos outros dias ficava no interior onde estavam localizados seus engenhos. Em

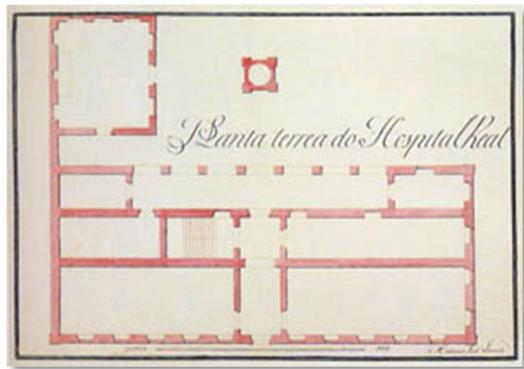


1768, o edifício foi vendido para o governador do Grão-Pará, Fernando da Costa Ataíde Teive⁸. O hospital militar funcionou no local até 1870, quando o prédio começou a ser usado para outras atividades militares, abrigando o Corpo da Guarda e a Subsistência do Exército até o final do século XX⁹.

A disputa territorial da segunda metade do século XVIII expressa tanto na execução dos tratados de demarcação de limites quanto nas tensões revolucionárias nacionais e internacionais, que intensificou a instalação de tropas no Grão Pará. Nesse sentido, tornou-se necessário o estabelecimento de hospitais militares como medida preventiva à saúde dos soldados. As práticas da medicina política, visando à conservação da saúde da população como força de trabalho e como vassalos do rei, encontraram maior expressão na prevenção à saúde dos militares¹⁰.

A construção do Hospital Real Militar destacou-se no processo de institucionalização da medicina e implementação de iniciativas para substituir as práticas tradicionais por uma medicina “cultu”¹¹. O hospital foi estabelecido com o objetivo de atender à demanda médica dos militares. O edifício foi reformado e adaptado com projeto do arquiteto régio, Antônio José Landi. A posição do edifício na cidade, ao lado do Forte, do Colégio dos Jesuítas e da Catedral da Sé, representa a centralidade defensiva do território, expressando o poder político da medicina e da

Fig. 4 – Planta da reforma do Hospital Real Militar.



Fonte: Sgt CODINA, 1971.



cura dos súditos por meio da disciplina, da ordenação territorial e do controle humano. Antes da construção desse hospital, os doentes militares eram atendidos em uma enfermaria do Forte, que se tornou insuficiente para o atendimento de todos, tendo em vista o aumento do efetivo, sendo, em muitas ocasiões, necessário acomodar os pacientes nos armazéns do Colégio dos Jesuítas. Além disso, as recorrentes epidemias na cidade, dentre as quais a de 1749, demandaram a construção de novos dispositivos para a cura dos doentes¹².

As reformas hospitalares permitiram segmentar por especialização, com a criação de um setor cirúrgico e a nomeação do físico-mor e do cirurgião-mor do Reino, a criação de um sistema de registro de tudo que acontecia nas instituições, desde a chegada do paciente, com o preenchimento de prontuários médicos até sua saída. O efetivo, em 1784, era de 33 pessoas no hospital, dentre as quais estavam um médico, um cirurgião com seis ajudantes, um boticário, um sangrador, dois enfermeiros, um in-

tendente dos armazéns, um almoxarife, um escrivão, um capelão, um cozinheiro com seu ajudante e 12 serventes¹³.

O ARSENAL DE MARINHA DO PARÁ

O Arsenal de Marinha do Pará tem sua origem na antiga Casa das Canoas, conjunto de oficinas que foi edificada em 1729, em frente ao Palácio do Governador e Capitão General do Estado do Maranhão e Grão Pará, destinadas a construção e reparos das canoas de guerra. Em 1761 as oficinas foram transferidas para o Convento S. Boaventura, onde passaram a se chamar Arsenal de Marinha do Pará, local que ocupa até hoje, possível ver na figura 7, situado na Rua do Arsenal. Essa transferência fez com que suas atribuições ficassem mais amplas, entre elas a construção de navios de guerra de maior porte para operarem em mar aberto. No seu período áureo, o Arsenal de Marinha do Pará construiu uma nau armada com 74 canhões, 5



Fig. 5 – O Arsenal de Marinha do Pará.



Fonte: IBGE, 2022.

fragatas de 44 canhões, 4 charruas e 12 calupas artilheiras¹⁴. Entre as fragatas, se destaca a *Imperatriz*, que serviu no Rio da Prata, onde repeliu vitoriosamente a abordagem de 11 navios inimigos. Daí em diante, o Arsenal limitou-se apenas a fazer reparos nos navios de guerra, os quais, posteriormente, vieram a constituir a Flotilha do Amazonas. As oficinas do Arsenal da Marinha do Pará foram transferidas para a Base Naval de Val-de-Cães em 1949. Atualmente o edifício onde o Arsenal estava localizado abriga o Comando do 4º Distrito

Naval da Marinha, criado em 1933¹⁵.

O HERÓI DO PERÍODO IMPERIAL

Em 2 de setembro de 1870, a lei imperial nº 615 autorizou o governo provincial a erguer o monumento ao brigadeiro Hilário Maximiano Antunes

Gurjão, primeiro oficial paraense a atingir o generalato, esta estátua localizada no Centro Comercial de Belém, na Praça Dom Pedro II.

Nos combates da Guerra do Paraguai, destacou-se o militar paraense Hilário Maximiano Antunes Gurjão, o qual foi ferido no combate da Ponte de Itororó, tendo falecido no dia 10 de janeiro de 1869, em Humaitá. Gurjão teve sua bravura elogiada pelo Marquês de Caxias, que comandava o Exército na conquista da ponte.

O brigadeiro Hilário Maximiano Antunes Gurjão, já vantajosamente conhecido e



respeitado no Exército, por seu amor à disciplina, inteligência superior, bravura e intrepidez, de que tantas são tão brilhantes provas dera nas difíceis e arriscadas comissões de que foi encarregado no Chaco, selou as listas do seu nome pela intrepidez e calma com que se portou no combate de 6 de

1820 e foi incorporado ao Exército como praça em 1º de maio de 1836, quando combateu na Cabanagem, terminando como primeiro-tenente em 2 de julho de 1840, com antiguidade de 2 de dezembro de 1839, sendo designado para estudar no Rio de Janeiro após o conflito. Diplomou-se em Matemática,

Fig. 6 – Monumento ao Brigadeiro Gurjão.



Fonte: Monumentos de Belém.

dezembro de 1868 e pelo honroso ferimento que nele recebeu, como se publicou em ordem do dia 14 de janeiro de 1869¹⁶

O brigadeiro Gurjão nasceu em Belém, no dia 4 de maio de

em Matemática, Artilharia e Fortificações em 1845. Serviu nos 1º e 3º Batalhões de Artilharia. Exerceu o cargo de comandante do contingente do Amazonas. Na Guerra do Paraguai, comandou a Brigada de Artilharia, participou do bombardeio de Itapiru, da Batalha do Passo da Pátria, da Campanha do Chaco e da Batalha do Sauce, nas cercanias de Humaitá, destacando-se quando comandava a 4ª Divisão de Infantaria na conquista da Ponte do rio Itororó¹⁷.

A matéria ressalta que, “no dia 7 de dezembro de 1868, o general



Gurjão, verificando a hesitação da tropa, tomou a dianteira e bradou: “Vejam como morre um general brasileiro!”. Os soldados, motivados pelo corajoso general, que foi gravemente ferido, avançaram e conquistaram a ponte.” Gurjão foi o primeiro paraense a chegar ao posto de oficial-general. A Artilharia Divisionária da 3ª Divisão de Exército (AD/3), localizada em Cruz Alta-RS é conhecida pelo nome histórico de Artilharia Divisionária Brigadeiro Gurjão. Também a Base de Administração e Apoio do Comando Militar do Norte tem no general Gurjão seu patrono.

Hoje, a arquitetura urbana de Belém abriga um monumento em homenagem ao general Gurjão. De acordo com o site “monumentos de Belém”, a estátua foi inaugurada por ocasião dos festejos à Adesão do Pará a Independência, em 15 de agosto de 1882. Conforme este estudo desenvolvido pela Universidade Federal do Pará, o monumento “é uma homenagem aos paraenses que colaboraram

para a vitória da Tríplice Aliança na Guerra contra o Paraguai, em especial, o general Hilário Maximiano Antunes Gurjão”.

PALACETE GUILHERME PAIVA RESIDÊNCIA DO COMANDANTE MILITAR DO NORTE

O imóvel foi adquirido por compra do doutor Pedro Chermont Raiol pelo engenheiro civil Guilherme Paiva em 1925¹⁸. A iniciativa da aquisição do imóvel partiu do então Ministro da Guerra, o marechal Eurico Gaspar Dutra, que, ao receber a proposta de venda do proprietário e em virtude da falta de residência para oficial-general no âmbito da 8ª Região Militar, considerou a proposta vantajosa. O Ministro da Guerra fez a proposição para a aquisição do imóvel em Exposição de Motivos datada em 15 de setembro de 1937, ao então presidente da República, Getúlio Vargas. No dia 13 de dezembro de 1937, por meio do

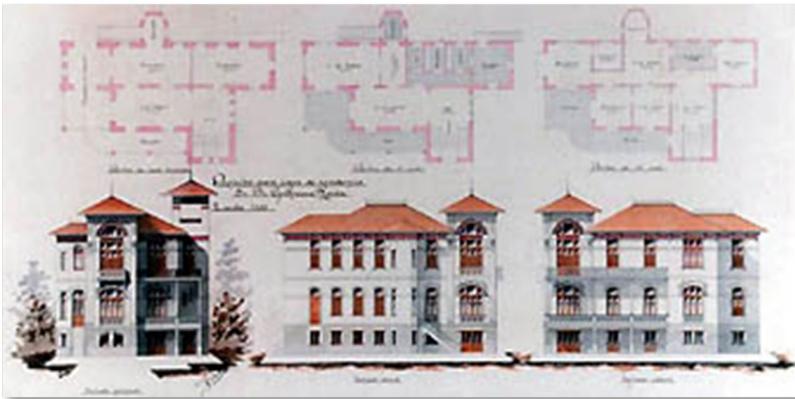


Decreto Lei nº 61, foi autorizada a aquisição do imóvel e abertura de crédito especial para esse fim. Não houve relatório de escolha de imóvel, existindo apenas uma referência ao seu estado, à conveniência da aquisição e ao valor do imóvel, resultante de exame pessoal procedido pelo general Basílio Barbosa,

considerada também por essa autoridade como vantajosa.¹⁹

Em 21 maio 1938, a aquisição do imóvel foi efetivada e procedida a lavratura da escritura de transmissão, sendo na mesma data efetuado o pagamento de 170:000\$000 (cento e setenta contos de réis) para pagamento do

Fig. 7 – Palacete Guilherme Paiva – Desenho de José Sidrim.



Fonte: MATTOS, 2017.

então Comandante da 8ª RM, em 31 de julho de 1937, conforme Ofício nº 97/S-E, dirigido ao Ministro da Guerra que, ouvindo o Diretor de Engenharia, obteve o mesmo parecer favorável à aquisi-

imóvel propriamente dito e 30:000\$000 (trinta contos de réis) para pagamento dos móveis e utensílios nele contidos, pagamentos esses ocorridos por conta do crédito especial do Dec. Lei nº 61, de 13



dez 37 (DO nº 290, de 21 dez 37, p. 25.200).

A compra do imóvel foi procedida pela União, por intermédio do então Ministério da Guerra, representado no ato pelo Chefe do Serviço de Engenharia da 8ª RM, major Olympio Ferraz de Carvalho, devidamente autorizado pelo Ministro da Guerra.

O palacete foi encomendado por Guilherme Paiva, gerente da companhia Portof Pará, para ser um *villino* italiano. A construção projetada por José Sidrim tem como inspiração a *Vila Leoncini* de Valle Provino, em Udine na Itália. A imponente residência de telhado baixo, construída em 1924, está localizada no centro do lote, de onde é possível contemplar seus jardins, característica do Romantismo.²⁰

Os elementos mais marcantes da construção são o *hall* que permite o acesso aos cômodos de serviço sem a necessidade

de um longo corredor, o mirante ou *belvedere* e as escadarias, características marcantes das obras de Sidrim. Na figura, à esquerda, se encontra a escadaria principal com seu acesso ao segundo pavimento; ao centro, a escadaria é vista de cima pelo acesso ao *belvedere*; e, à direita, a escadaria em caracol que permite acessar o mirante da casa. Por meio das fotografias, é possível ver os detalhes na confecção dos assoalhos, que são diferentes a cada pavimento.

Fig. 8 – Vitrais de Joana d’Arc (à esquerda) e Santa Helena (à direita).



Fonte: MATTOS, 2017.



Os vitrais ingleses se destacam na composição, com riquíssimos detalhes coloridos e representações sacras das santas Joana d'Arc e Helena, escolhidas pela devoção de Guilherme Paiva.

O imóvel está situado na Travessa Dr. Moraes, nº 32, entre Av Nazaré e Av. Gov José Malcher, bairro de Nazaré. Possui palacete com três pavimentos, destinada à residência do Comandante Militar do Norte, com uma área de 314 m², numa área total de 3.845,52 m².

O QUARTEL-GENERAL DE BELÉM

O Exército Brasileiro relatou ao Ministério da Guerra, em 1910, o parecer de visita técnica patrimonial à guarnição de Belém (1909) com o seguinte parecer.

[...] existe, em Belém, um edifício velho e em ruínas, antigo aquartelamento do 4º Batalhão de Artilharia, em terreno bem situado e de dimensão regular onde podem ser construídos o quartel-general de Inspeção, ca-

sas para residência dos oficiais de seu estado-maior e o quartel para o 5º Batalhão de Artilharia e mais uma casa igualmente velha e arruinada no lugar. S. João, cujo terreno é bem localizado, pôde ser construído o edifício para enfermaria militar da guarnição²¹.

O texto histórico aponta os motivos para a demolição do Quartel dos Soldados, obra do arquiteto italiano Antônio Landi, erguida no século XVIII (instalações do 4º Batalhão de Artilharia), que estava em ruínas, o que acarretou na decisão de construir o Quartel-General na guarnição de Belém para instalar a 2ª Região de Inspeção Permanente. No terreno militar, em frente à Praça Saldanha Marinho (atual Praça da Bandeira), entre as travessas de Muçajá (atual São Pedro) e São Francisco, foi construído o Quartel-General, no período de 16 de agosto de 1910 a 1912.

Os detalhes da construção do Quartel-General em Belém foram publicados em 1914, por meio de minucioso relatório, informando sobre o custo de 200 contos de réis e as imposições arquitetônicas para



manter o padrão da Belém, influenciada pela *Belle Époque*

No relatório do inspetor da região, há informações minuciosas sobre o conhecimento exato do estado desse serviço e para o que deve ser feito no futuro. Com relação a obras militares, trata o inspetor do andamento das do Quartel-General desde o início, em 1910, da demonstração de que o orçamento respectivo foi excedido apenas de 956S, apesar da grande modificação que sofreu o pé direito daquele edifício, ficando mais elevado para atender as normas municipais, havendo ainda serviços que não tinham sido contemplados no orçamento como a instalação de luz elétrica e grade. Relativamente ao estado financeiro, necessita de cerca de 200:000\$ para pagamento de obras executadas no corrente exercício²².

O edifício em estilo Neoclássico com traços leves do Barroco e elementos do *Art Nouveau*, solenemente inaugurado às 11h do dia 4 de agosto de 1913, pelo Chanceler

Lauro Muller, Ministro das Relações Exteriores, é o imponente prédio que hoje abriga o Comando Militar do Norte (CMN). Sendo que, nesta data, foi instalada no Quartel General a 2ª Região de Inspeção Permanente, transferida do prédio do extinto 47º Batalhão de Caçadores (34º BC), instalação que ocupava provisoriamente na Avenida São Jerônimo, esquina com a Rua Dom Romualdo de Seixas, no bairro de Nazaré.

Comandava a 2ª Região de Inspeção Permanente, em 4 de agosto de 1913, o coronel Carlos Jorge Calheiros de Lima, sendo engenheiro construtor do Quartel-General o coronel Manuel Luiz de Melo Nunes tendo como auxiliar o primeiro-tenente Engenheiro Graciliano Negreiros.

O Quartel General de Belém foi instalado em 27 de março de 1909 e ocupava, provisoriamente, o prédio do extinto 34º Batalhão de Caçadores na Avenida São Jerônimo, esquina com a Rua Dom Romualdo de Seixas, no bairro Nazaré. Em 1910, ocupou prédio na Avenida da Independência nº 18 ao



custo de 700 réis mensais²³. Foi transferido no dia 4 de agosto de 1913 para as instalações do atual prédio histórico. Em 10 de setembro de 1997, recebeu a denomina-

Militar foi transferida para as instalações à retaguarda.

O prédio histórico do Comando Militar do Norte ocupa uma área de 872,50 m², possui três andares construídos em alvenaria em estilo neoclássico, com leves traços barrocos. Ao todo, são sessenta e quatro dependências, piso esquadrado em madeira, cobertura em telha tipo colonial, tubulações de água fria em ferro fundido.

A fachada do edifício apresenta uma profusão de elementos ornamentais dos quais podemos destacar o frontão, a porta principal e janelas. O frontão da edificação em relevo apresenta ao centro a figura de um anjo sobre o Brasão Nacional, ladeada por figuras de lanças, flamulas e tambores e mais afastados, dois canhões cruzados sob três balas de canhões. Abaixo do frontão, há a inscrição em relevo “Quartel-General” ladeada de pilastras sobre as quais há mascarões (carrancas). Logo abaixo dessa inscrição, há uma sequência de

Fig. 9 – Fachada do Quartel General.



Fonte: Arquivo CMN.

ção histórica de Região Forte do Presépio. Posteriormente, em 11 de julho de 2013, com a implantação do Comando Militar do Norte, passou a sediar o mais novo Comando Militar de Área nesse prédio histórico, enquanto a 8ª Região



mísulas que marca toda a extensão da fachada.

As extensões da fachada do edifício, à direita e à esquerda, apresentam uma exuberância de elementos ornamentais em relevo como canhões, balas de canhões, ferramentas de construção tipo pá e machados, além dos detalhes tipo muralha que remontam a arquitetura neomedieval. A imponente porta principal em arco pleno tem ao centro, na parte superior, a data de finalização da construção do prédio, 1912, ladeada de colunas em estilo grego coríntias.

As janelas do piso superior têm verga em arco pleno e as do piso inferior retas e alternam balaustradas ou gradis em ferro fundido. Os capitéis das pilastras apresentam volutas, cabeças femininas e elementos vegetais e pendentes que se repetem diversas vezes ao longo da fachada.

O Quartel-General possui uma característica singular como a pintura de fingidos pontilíneos, um tipo de pintura que imita materiais mais nobres, utilizada em fachadas e interiores. Essa técnica foi utili-

zada na decoração do Quartel-General, conforme prospecção do IPHAN, sendo encontrados duas tonalidades de cinza imitando granito²⁴. O QG possuiu três pinturas principais sendo: cinza granito, branco e detalhes em bege e, a atual, verde e branco.

As denominações do Quartel General de Belém

O Quartel-General, na cidade de Belém, passou a abrigar a 2ª Região de Inspeção Permanente²⁵ em 27 de março de 1909 até 1915, com a edificação em obras até 1912, ano de inauguração. O referido quartel foi transformado na 1ª Região Militar²⁶ em 23 de fevereiro de 1915 até 1919. A denominação de Quartel-General foi alterada para 7ª Região Militar em 11 de dezembro de 1919, permanecendo até 1923. A partir de 22 de janeiro de 1923, assumiu a denominação de 8ª Região Militar²⁷. O QG passou a ser sede do Comando Militar da Amazônia²⁸, de 1956 a 1969, por mudança de sede para Manaus-AM. Tornou-se a 8ª Região Militar novamente de 1º de julho de 1969²⁹



a 1992. Este comando foi convertido a Comando Militar do Norte e 8ª Região Militar³⁰ em 8 de julho de 1992 até 1995. Tornou-se a 8ª Região Militar³¹ em 03 de abril de 1995 até 2004. Foi a 8ª Região Militar e 8ª Divisão de Exército³² em 1º de abril de 2004 até 2013. Atualmente, o Quartel-General é a sede do Comando Militar do Norte, implantado em 26 de junho de 2013³³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve pesquisa permite integrar diversos ambientes da região metropolitana de Belém, para incentivar a prática da educação construtiva, aliando conhecimentos de história e de arquitetura, redescobrimdo a importância da participação militar para a formação, consolidação e defesa do território nacional.

A divulgação institucional do patrimônio arquitetônico militar de Belém permite conhecer a história por meio de uma holística diferente do ambiente escolar, interagindo os

diversos sentidos do discente para o aprendizado. Uma experiência única para valorizar a cultura, integrando sociedade à memória da formação amazônica, unindo elementos simbólicos para que o futuro cidadão se conscientize da importância da preservação historiográfica.

BIBLIOGRAFIA

CODINA, Joaquim José. Fronteira do Hospital Real Militar, 1784. In: FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica*. Iconografia, v.1: antropologia e geografia. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura. p.22. 1971.

COELHO, J. P.; FIGUEIRA, L. M.; COSTA, C. O turismo militar e a ativação turística do patrimônio: conceitos, perspectivas e tendências. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, n. 21/22, p. 113-120, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.34624/rtd.v1i21/22.11089>>. Acesso em: 30 nov. 21.

BRASIL. *Decreto nº 11.497 e 11.499*, de 23 de fevereiro de 1915.



BRASIL. *Decreto nº 13.651*, de 18 de junho de 1919.

BRASIL. *Decreto nº 15.934*, de 22 de janeiro de 1923.

BRASIL. *Decreto nº 40.179*, de 27 de outubro de 1956.

BRASIL. *Decreto nº 34.366*, de 17 de abril de 1969.

BRASIL. *Decreto Presidencial 598* de 8 de julho de 1992.

BRASIL. *Decreto nº 4.964*, de 28 de janeiro de 2004.

BRASIL. *Decreto nº 8.053*, de 11 de Julho de 2013.

FARIA, Maria Beatriz Maneschy. *Arquitetura residencial eclética em Belém (1870-1912): um estudo da gramática das fachadas*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém. 2013.

FERREIRA, Arnaldo Manuel de Medeiros. Fortificações portuguesas na cartografia manuscrita do Brasil. In: *simpósio luso-brasileiro de cartografia histórica*. Rio de Janeiro, 2016.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. v. 2. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2011.

MATTOS, Ana Léa Nassar. *José Sidrim (1881-1969): um capítulo da biografia de Belém*. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Pará, Belém. 2017.

FROTA, Guilherme de Andrea. *Quinhentos anos de história do Brasil*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2000.

GUERRA DA COSTA, Graciete. *Fortes portugueses na Amazônia Brasileira*. Pós Doutorado em relações internacionais. Brasília: UNB, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Arsenal de Marinha*. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=42526&view=detalhes>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. *Belém*. Disponível em: <ipatrimonio.org>. Acesso em 01 ago. 2019.

LORENZI, Mariana. Palacete, Hospital Real, Subsistência do Exército, Museu Casa das Onze Janelas, Belém, Pará.



Periódico Permanente, v. 4, n. 7, 2016.

MARINHA DO BRASIL. *Base Naval de Val de Cães*. Disponível em:

<<https://www.marinha.mil.br/bnvc/node/4>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

O LIBERAL. *Uma das mais bonitas de Belém, Igreja das Mercês sofre com abandono*. Disponível em:

<<https://www.oliberal.com/belem/uma-das-mais-bonitas-de-belem-igreja-das-merces-sofre-com-abandono-1.213191>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

PATACA, Ermelinda Moutinho. Entre a engenharia militar e a arquitetura médica: representações de Alexandre Rodrigues Ferreira sobre a cidade de Belém no final do século XVIII. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.1, jan.-mar. 2018.

RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec. 1997.

¹ COELHO, J. P.; FIGUEIRA, L. M.; COSTA, C. O turismo militar e a ativação turística do patrimônio: conceitos, perspectivas e tendências. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, n. 21/22, p. 113-120, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.34624/rtd.v1i21/22.11089>>. Acesso em: 30 nov. 21.

² O LIBERAL. *Uma das mais bonitas de Belém, Igreja das Mercês sofre com abandono*. 2019. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/belem/uma-das-mais-bonitas-de-belem-igreja-das-merces-sofre-com-abandono-1.213191>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

³ FROTA, Guilherme de Andrea. *Quinhentos anos de história do Brasil*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2000.

⁴ GUERRA DA COSTA, Graciete. *Fortes portugueses na Amazônia Brasileira*. Pós Doutorado em relações internacionais. Brasília: UNB, 2015.

⁵ Ibid.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

⁸ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. *Belém*. Disponível em: <ipatrimonio.org>. Acesso em 01 ago. 2019.

⁹ LORENZI, Mariana. Palacete, Hospital Real, Subsistência do Exército, Museu Casa



das Onze Janelas, Belém, Pará. *Periódico Permanente*, v. 4, n. 7, 2016.

¹⁰ PATACA, Ermelinda Moutinho. Entre a engenharia militar e a arquitetura médica: representações de Alexandre Rodrigues Ferreira sobre a cidade de Belém no final do século XVIII. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.1, jan.-mar. 2018.

¹¹ RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec. 1997.

¹² PATACA, op.cit.

¹³ Ibid.

¹⁴ A princípio o termo deve se referir a chalupas em vez de calupas como obtido nas fontes oficiais. A chalupa é uma embarcação de pequeno porte a remo ou a vela, parecida com botes, no caso armada com artilharia (nota do autor).

¹⁵ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Arsenal de Marinha*. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=42526&view=detalhes>>. Acesso em: 22 jan. 2022; e MARINHA DO BRASIL. *Base Naval de Val de Cães*. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/bnvc/node/4>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

¹⁶ FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. v. 2. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2011, p. 327.

¹⁷ FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. v. 2. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2011.

¹⁸ Conforme escritura de 20 de fevereiro de 1925, lavrada às folhas 73-verso, do livro nº 254, do 1º Ofício de Notas, transcrita no Registro de Imóveis da Comarca, em 28 de fevereiro de 1925.

¹⁹ Of nº1218 G/DirEng, de 4 ago 1937.

²⁰ MATTOS, Ana Léa Nassar. *José Sidrim (1881-1969): um capítulo da biografia de Belém*. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Pará, Belém. 2017.

²¹ Relatório do Ministério da Guerra de 1910, p. 47-48.

²² Relatório do Ministério da Guerra de 1914, p. 58.

²³ Relatório do Ministério da Guerra de 1910. p. 47.

²⁴ FARIA, Maria Beatriz Maneschy. *Arquitetura residencial eclética em Belém (1870-1912): um estudo da gramática das fachadas*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém. 2013.



²⁵ BRASIL. *Lei 1860*, de 4 de janeiro de 1908.

²⁶ BRASIL. *Decreto 11.497*.

²⁷ BRASIL. *Decreto 15.934*.

²⁸ BRASIL. *Decreto 40.179* de 27 de outubro de 1956 cria o Comando Militar da Amazônia.

²⁹ Cf. Boletim Especial nº 11.

³⁰ BRASIL. *Decreto 598*.

³¹ BRASIL. *Decreto 1.431*.

³² BRASIL. *Decreto 4.964*.

³³ BRASIL. *Decreto 8.053*.